

DIÁRIO DE BORDA: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE A FORMAÇÃO DE NADADORES DE ALTO RENDIMENTO

Pedro Diniz Vieira¹

Resumo: O artigo busca apresentar os resultados da pesquisa etnográfica que desenvolvi nas categorias de base da equipe de natação de um clube. A pesquisa focalizou três aspectos interdependentes da formação esportiva: a estrutura que regula e financia o esporte; o itinerário de formação dentro do clube; e a relação com tecnologias e saberes que auxiliam nos ganhos de performance. Argumento que este método de investigação pode ser utilizado para o estudo de outras modalidades e que a perspectiva antropológica pode colaborar no debate sobre a formação de atletas de alto rendimento, ao fornecer dados empíricos e reflexões críticas.

Palavras-chave: corpo atlético; subjetividade; alto rendimento; natação; antropologia.

Border Diary: an anthropological study on the production of high-performance swimmers

Abstract: The article seeks to present the results of ethnographic research that I developed in the youth categories of a club's swimming team. The research focused on three interdependent aspects of sports training: the structure that regulates and finances sport; the training itinerary within the club; and the relationship with technologies that help with performance gains. I argue that this research method can be used to study other sports and that the anthropological perspective can contribute to the debate on the training of high-performance athletes, by providing empirical data and critical reflections.

Keywords: athletic body; subjectivity; high-performance; swimming; anthropology.

Introdução

Esta pesquisa foi pensada com a proposta de estudar a formação de nadadores de alto rendimento a partir de um olhar antropológico. Meu objetivo é refletir sobre as condições empíricas de produção de atletas, buscando mapear a rede de relações que possibilita que este processo se desenvolva.

A formação esportiva de um atleta de natação é extremamente complexa, de modo que, para explicá-la satisfatoriamente, foi preciso fazer alguns recortes

¹ PPGSA/UFRJ. Email.: pedrodiniz@gmail.com

analíticos. A proposta para este estudo foi separá-la em três fatores que estão conectados e que condicionam a formação esportiva dos atletas que trabalhei. São eles: a estrutura dada *a priori* e a qual todo atleta se depara quando ingressa em uma equipe de natação; o itinerário das categorias de base que o atleta vai percorrer durante a infância e adolescência; e os saberes e tecnologias que servem de suporte a esse itinerário. Esses três pilares formam o que estou chamando de tripé de produção do corpo atlético.

O atleta se forma como tal dentro da instituição esportiva, que está inserida em uma estrutura administrativa que a liga às federações, confederações, agências de regulação antidoping, órgãos governamentais de fomento ao esporte, entre outros atores. Ingressando no clube e no universo competitivo, o jovem atleta começa a passar pelas categorias de base da natação de acordo com sua idade, onde existe um programa de desenvolvimento do atleta conduzido pelos treinadores. Ao longo do processo, e principalmente quando se chega às últimas categorias de base, onde o nível competitivo se eleva, os atletas precisam do suporte de especialidades esportivas como fisioterapia, preparação física, biomecânica e nutrição, para complementar o desenvolvimento técnico promovido nos treinos dentro d'água. Ou seja, a partir do momento em que o jovem atleta entra na equipe da instituição esportiva, ele sofrerá o agenciamento desse tripé sobre o seu corpo e sua subjetividade, de modo que, ao final, para se tornar um atleta de alto rendimento, ele precisará não só de um corpo atlético potente, mas de uma mentalidade que opera a partir de valores específicos, introjetados ao longo da formação, como a meritocracia, disciplina, competitividade, perfectibilidade, ascetismo, espírito de equipe, entre outros. A pesquisa, portanto, analisa o processo de produção de atletas de alto rendimento a partir desse tripé, que pode ser entendido como um “dispositivo” de produção de atletas. Seguindo a definição do filósofo Michel Foucault, um dispositivo é

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2019, p. 364).

O trabalho se insere dentro de um campo de pesquisa mais amplo, que se dedica ao estudo do esporte como fenômeno sociocultural. Mais especificamente, está em diálogo com o trabalho de pesquisadores e pesquisadoras que tematizam a produção de corporalidade e subjetividade dentro do campo esportivo (ARAÚJO, 2011; CAMARGO; KESSLER, 2017; GONÇALVES; COSTA, 2021; PIRES, 2020; SILVEIRA; VAZ, 2016).

Metodologia

A pesquisa partiu do método etnográfico, baseado no convívio do pesquisador com o grupo pesquisado pelo tempo necessário para que o primeiro se familiarize com o ponto de vista do segundo sobre a realidade, isto é, com a forma com que o pesquisado atribui significado às suas práticas no mundo.

A pesquisa foi realizada em uma instituição esportiva reconhecida no cenário da natação do estado do Rio de Janeiro como um clube formador de atletas: o Tijuca Tênis Clube (TTC). Acompanhei toda a temporada esportiva do ano de 2022, observando a rotina de treinamentos e competições dos atletas das categorias de base, comparecendo ao clube em média três vezes na semana. Os dados etnográficos que apresentarei foram possíveis pela permissão dada pelo clube para que eu acessasse de forma quase irrestrita os espaços de convívio dos atletas e dos demais funcionários do Departamento de Esportes Aquáticos, sendo o mais importante deles a borda da piscina. Além de acompanhar a equipe em competições realizadas em outros clubes. A partir desta relação foram feitos registros em caderno de campo, entrevistas semiestruturadas com os interlocutores e coleta de documentos do clube e dos atletas, que foram examinados de forma conjunta como *corpus* de análise.

A estrutura burocrática da natação de alto rendimento

A primeira distinção que é preciso ter em mente é entre competições amadoras e competições oficiais. As últimas são aquelas que acontecem dentro da jurisdição da entidade maior de uma modalidade, seguindo protocolos padronizados em nível global. Enquanto as competições amadoras podem ser organizadas de forma mais ou menos livre, contemplando um número maior de atletas de diferentes níveis e idades. Embora, em muitos casos, se espelhem nos

protocolos das competições oficiais para criar uma proximidade maior entre os dois pólos, unificando a prática.

Como na grande maioria dos esportes olímpicos, a gestão das competições oficiais dos esportes aquáticos é feita a partir de um monopólio². A *World Aquatics* (WA)³ é a única reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para as modalidades natação, polo aquático, mergulho, nado artístico, saltos ornamentais e natação em águas abertas, de modo que as federações nacionais devem estar vinculadas à WA para que suas competições e os resultados obtidos pelos atletas tenham legitimidade. No Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) é a única federação reconhecida pela WA para organizar as competições nacionais. A mesma lógica serve para os estados, cada um apenas com uma federação, responsável pelas competições de nível estadual, regional ou municipal, que devem estar reportadas à CBDA, que, por sua vez, reporta à WA. Na ponta da cadeia estão os atletas, que precisam estar filiados a um clube inscrito na federação estadual.

Quando um atleta começa a competir por um clube em qualquer idade, este se torna um “atleta federado”, termo utilizado para indicar que ele participa do circuito de competições oficiais, seja na natação ou em outro esporte aquático. Para tornar mais claro, os atletas que observei são federados na Federação Aquática do Rio de Janeiro (FARJ) como atletas do Tijuca Tênis Clube. A FARJ responde à CBDA, que responde à WA.

Mapear essa estrutura unificada que parte do monopólio da WA até o atleta que se federa pela primeira vez, geralmente ainda criança, é muito importante para entender a economia política do esporte global. Denomino-a estrutura burocrática pois entendo que sua legitimidade se constrói a partir de uma administração centralizada que subordina as instâncias inferiores, erigindo um aparato legal que garante sua autoridade. Parto, portanto, da definição weberiana de burocracia, que aponta que esta "tem um caráter 'racional': regras, meios, fins e objetivos dominam sua posição" (WEBER, 1982, p. 282). É uma estrutura de dominação racional, na tipologia deste autor, que atua de forma

² Este fato aparece de forma muito clara no estudo de Damo (2005). O autor aborda a formação de futebolistas profissionais a partir do monopólio da FIFA, de forma muito similar ao que veremos em relação aos nadadores e a *World Aquatics*.

³ Até 2022 a entidade era denominada Federação Internacional de Natação (FINA).

coercitiva contra aqueles que buscam escapar de sua jurisdição, tendo o universalismo das regras como fator fundamental da administração.

No que tange à dimensão esportiva, é importante haver a centralização das regras para que as competições se deem de forma padronizada em qualquer lugar que aconteçam, garantindo o que no alto rendimento se costuma chamar de “integridade competitiva”. Na natação, a WA produz as regras oficiais através de um documento disponibilizado em seu site⁴ que define todos os parâmetros a serem respeitados em qualquer competição oficial organizada pelas federações a ela subordinadas. Não se trata de uma indicação da melhor forma de praticar o esporte, mas de uma imposição que define a única forma que se pode competir oficialmente na natação. A quantidade de juízes necessários, o cumprimento da piscina, as características das raias, os trajes e os materiais que podem ser utilizados, o balizamento dos atletas, a divisão de categorias, o que se pode e o que não se pode fazer em cada um dos quatro nados, as provas disponíveis, os protocolos de organização das competições, a medição dos tempos dos atletas, como proceder em caso de quebras de records. Tudo isso é decidido pela WA e as federações devem fazer as regras valerem dentro de sua jurisdição local.

Mas essa cadeia burocrática vai além da federação internacional. Em geral, os esportes olímpicos estão vinculados ao COI, de modo que as federações internacionais não são o topo da cadeia em assuntos que concernem a todas as modalidades. O controle antidoping, por exemplo, é unificado pela agência oficial do COI, a *World Anti-doping Agency* (WADA), que define o regramento sobre quais substâncias e métodos são proibidos de serem utilizados por garantirem uma superioridade competitiva, bem como as formas de proceder para a testagem e acompanhamento dos atletas de alto rendimento. Vale ressaltar, ainda, que o COI é uma organização supranacional, que funciona a exemplo das Nações Unidas, como um conselho internacional ao qual os Estados estão ligados. O que não quer dizer que todos os Estados estejam em pé de igualdade. O que se vê, na verdade, é uma presença muito superior de dirigentes do norte global em relação ao sul global.

⁴ Disponível em <https://resources.fina.org/fina/document/2024/01/29/2b4f5bea-f965-411c-8fae-6d33bda64b85/Competition-Regulations-version-1st-January-2024--Publishing_V3.pdf>. Acesso dia 22 de agosto de 2024.

Os Estados se inserem na estrutura burocrática pois participam no financiamento público dos esportes olímpicos. No TTC, praticamente toda estrutura da natação é mantida com recursos provenientes do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), associação vinculada ao Ministério do Esporte. A CBC tem como objetivo principal fomentar a formação de atletas, servindo como intermediário entre os clubes vinculados a entidade e o governo federal. O repasse é feito através dos editais de fomento, geralmente aberto por ciclo olímpico (projetos de 4 anos), em que os clubes solicitam um valor junto a um orçamento detalhado do seu projeto olímpico de formação de atletas. Ao final, o clube deve prestar contas de como o dinheiro público foi utilizado. Além disso, o governo federal distribui bolsas de auxílio para os atletas que mais se destacam a nível nacional, continental e mundial, com valores específicos para cada caso. Durante o período que foi feito trabalho de campo, apenas dois atletas contavam com essas bolsas, por terem sido medalhistas no Campeonato Brasileiro de Verão em suas categorias. O fluxo abaixo ajuda a ilustrar o ecossistema no qual a natação do TTC está inserida.

Imagem 1 - A estrutura burocrática da natação competitiva



Fonte: do próprio autor.

Dado este mapeamento, vamos ao argumento. Entendo essa estrutura burocrática como um dos pilares para compreender a produção de atletas de alto rendimento. Ela é preexistente à entrada do atleta no universo competitivo e opera a partir de uma lógica própria, a qual o atleta deve se adequar para

continuar competindo. Esta lógica se baseia na gestão do corpo atlético “natural” para as competições, entendidas como arenas meritocráticas em que se testa os limites da natureza humana em uma atividade física específica (o quão rápido é possível nadar), dentro de regras universais e em parâmetros padronizados de medição de resultados. Entendo a estrutura burocrática de gestão da natação como uma tecnologia de governamentalidade (Foucault, 2008), pois é dentro desta cadeia de comando que são estipulados os pressupostos a partir dos quais os corpos devem se adequar. No entanto, a ideia de que o corpo “natural” é a única medida para o *fair play* esportivo, isto é, a única medida possível para criar isonomia entre os competidores, mascara as desigualdades sociais e econômicas que também afetam os resultados esportivos.

O itinerário de formação do nadador

As categorias de base da natação do Tijuca Tênis Clube podem ser pensadas como um programa de desenvolvimento técnico em que, à medida que o atleta avança de uma categoria para outra, espera-se uma certa evolução dentro da modalidade, bem como a introjeção de uma conduta esperada fora d’água para que essa evolução aconteça de forma consistente ao longo dos anos.

O título do artigo ilustra bem no que consistiu a empreitada de pesquisa. Evidentemente, trata-se de uma brincadeira com o “diário de bordo”, instrumento do viajante para relatar suas experiências, algo muito similar ao caderno de campo do antropólogo. Mas, aqui, um diário de bordo no sentido literal, pois a borda da piscina foi exatamente o lugar em que passei a maior parte do tempo, relatando minhas observações ao longo da temporada. A borda possui uma carga simbólica muito importante nessa pesquisa. Por um lado, separa hierarquicamente comissão técnica e atletas; enquanto estão dentro da piscina, os atletas são objeto do olhar clínico do treinador, para aprimorarem seus movimentos. Mas, na água, os atletas estão em uma relação de horizontalidade entre eles, pois todos estão submetidos à mesma realidade: treino intenso com as mesmas regras. Para além da borda, cada um tem sua própria vida, atravessada por relações específicas. O que não significa que a vigilância diminua. Notei por inúmeras vezes, no discurso de atletas e treinadores, o contraste entre o mundo de dentro d’água e o mundo fora d’água, em que a borda aparece como fronteira.

Os dois mundos são entrelaçados, mas discursivamente apartados. É preciso se resguardar fora d'água para que o corpo possa render dentro dela. E a partir do momento que se pula na piscina, os problemas devem ficar da borda para fora, e o foco precisa ser total.

Pretendo expor como os atletas adquirem na prática um *habitus atlético*⁵, dentro do longo processo de formação no qual se engajam desde quando crianças. Como afirmei, a formação desse *habitus* compreende, por um lado, o desenvolvimento técnico na natação e a incorporação de uma atitude ascética, compatível com a vida de atleta. Veremos que, ao contrário do que muitas vezes aparece no discurso midiático, quando assistimos, por exemplo, a cobertura de provas de natação nos Jogos Olímpicos, há muito pouco que poderíamos imputar como uma propensão natural do atleta de alto rendimento para o esporte. Por trás de um resultado qualquer em uma competição de destaque, há um histórico do atleta que é desconsiderado em prol de narrativas que enfatizam o “dom” para a natação⁶. Quando olhamos um tempo alcançado por um nadador nas Olimpíadas é difícil ter a dimensão do quanto está envolvido naquele número.

A ideia deste tópico é demonstrar, da forma mais fiel e didática possível, como se desenrola a formação do nadador tijucano que, em geral, é padronizada para todos os clubes. Essa padronização é fruto da gestão do monopólio da WA, que racionaliza as etapas de formação ao categorizar os atletas por idade. Assim, eles competem entre si ao longo da vida, enquanto estiverem federados a um clube, dentro de eventos oficiais promovidos pela estrutura da natação competitiva. O objetivo aqui é demonstrar como se leva alguém de um ponto A, de entrada no universo competitivo, até um ponto B, quando apenas se pode competir nas competições absolutas. Entra uma criança e sai um adulto, em um processo que marca a pessoa fisicamente e subjetivamente como atleta de alto rendimento. Trata-se de uma estrutura em forma de funil, em que muitos atletas

⁵ “Habitus” é um conceito popularizado por Pierre Bourdieu em que se delimita um sistema de disposições inconscientes adquiridas na relação dos indivíduos com estruturas sociais que perpassam suas vidas. Ao utilizar o termo “habitus atlético”, portanto, refiro-me a esse movimento de incorporação dos ensinamentos técnicos e dos discursos que os atletas encontram ao longo de sua formação.

⁶ Minha inspiração para formular essa proposta foi a tese de Damo (2005). Assim como a dele, minha pesquisa analisa como se dá a formação de atletas a partir de um olhar etnográfico de dentro de instituições esportivas. No meu caso, atletas de natação no Tijuca Tênis Clube; no dele, futebolistas do Sport Clube Internacional de Porto Alegre.

entram e poucos chegam ao final, sendo normal a saída do universo competitivo ao longo da progressão no itinerário das categorias de base.

No Tijuca, a porta de entrada, portanto, é a categoria Mirim o, para crianças de até 8 anos. Já nessa idade precoce acontece um corte em relação a qualquer criança que pratique natação. Só entram para a equipe Mirim as crianças da escolinha do clube que tenham até essa idade e que demonstram um certo grau de evolução na assimilação das técnicas básicas do nado crawl, o primeiro a ser ensinado. Uma das características principais da formação do TTC é a de compor as equipes das categorias de base a partir desse itinerário que liga a escolinha à equipe Mirim, buscando preservar o nadador ao longo das categorias seguintes.

Vamos passar por esse itinerário das categorias observando o que acontece em cada uma através da explicação de Marcelo Almeida, treinador do clube há mais de vinte anos, com passagem por todas as faixas de idade.

A categoria Mirim é a porta de entrada. Então a criança vem de uma escolinha em que ela treina lá seus 45 minutinhos duas vezes na semana e entra pro mundo competitivo, muitas vezes aos 7 ou 6 anos de idade. Aí ela passa a treinar todos os dias, 1h15min de segunda a sexta. Então já é bastante coisa pra uma criança que tem que brincar, tem que dividir suas tarefas. Então a parte de responsabilidade já aumenta. Por mais que a gente trabalhe bastante o lúdico, entenda que são crianças, mas acaba tendo um nível de exigência. Então é onde a gente se preocupa muito com a parte técnica porque as crianças são muito cruas, são muito novas, então a parte técnica é o que define aquela categoria. Planejamento para valência física nem é feito. Porque já é um esforço. Só de você passar qualquer tipo de atividade já é um esforço pra elas. Lógico que você vai definir os estilos⁷ e a distância que ela vai competir e tal, mas não é o propósito.

Portanto tudo começa em uma idade muito precoce. É preciso que a criança entre em um programa pedagógico que vai transmitir as técnicas de como nadar. A passagem ecoa a noção de técnicas do corpo de Marcel Mauss, que já afirmava em 1935 que “é preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição” (MAUSS, 2017, p. 425). Isto é, estamos tratando de um processo de transmissão

⁷ “Estilo”, na natação, é sempre um termo que substitui qualquer um dos nados. Por exemplo, quando o treinador passa uma série de “200m estilo”, ele quer que cada atleta nade 200 metros do nado de sua preferência, que, em geral, é aquele no qual os atletas se especializaram e precisam dar mais ênfase nos treinamentos diários.

cultural de técnicas corporais constituídas historicamente na nossa sociedade e não a manifestação de uma essência através dos movimentos. A categoria Mirim, por ser a porta de entrada, é onde os treinadores irão inculcar nos atletas os usos do corpo para cada nado. A forma de dar braçadas, a pernada, como flutuar de forma mais eficiente, como mergulhar, como fazer as viradas na borda para continuar nadando. Nada disso está dado *a priori*, faz parte do programa de treinamento previsto para crianças que estão sendo introduzidas à natação.

O aprendizado dessas técnicas do nadar não deve ser entendido como um processo cognitivo em que a criança pensa para fazer cada movimento. Tampouco é um aprendizado puramente mecânico em que o corpo repete sem pensar sobre o ato que está sendo executado na água. Trata-se de algo que borra completamente a fronteira entre mente e corpo, daí podemos falar em “consciência corporal”, termo tão caro aos profissionais de Educação Física. É algo que coloca em curto-circuito as dicotomias fundantes da cultura ocidental moderna e que só pode ser compreendido como um processo de aprendizado bio-psico-social (MAUSS, 2017). Sigamos a explicação de Marcelo.

Quando você começa a ver algo a mais é no Petiz. Que aí no Petiz você mantém todo esse trabalho técnico, porque ainda é uma categoria muito de base. Mas você já começa a dar de fato estímulos das distâncias de prova, umas sériezinha de perna, de braço, séries completas. Já fazem um trabalho aeróbico maior, de maiores distâncias.

O Petiz compreende crianças de 11 e 12 anos de idade. É comum que alguns atletas só comecem a participar de competições nesta categoria, pulando o Mirim. Espera-se que a criança tenha uma iniciação aos quatro nados, que já passam a figurar nos programas de provas das competições. Petiz e Mirim são vistas como categorias ainda introdutórias e preparatórias para a natação competitiva a nível nacional, pois nestas categorias acontecem apenas competições regionais e estaduais, em que qualquer criança pode participar desde que os pais paguem sua inscrição para a federação. Ainda não há competições nacionais, que são o divisor de águas entre o Petiz e o Infantil, onde o tempo de prova começa a ganhar centralidade. Mas, desde já, a criança começa a se familiarizar com o ritual da competição.

Lembro-me de me impressionar muito ao ver os treinos do Petiz. Movimentos que pareciam extremamente complexos, como os do estilo borboleta ou as viradas olímpicas, eram feitos com uma grande desenvoltura. O treinamento tem um ritmo consideravelmente mais acelerado que o do Mirim, com medições de tempo para cada série pelo treinador na borda da piscina. Entre as duas categorias, começa-se a formar um *habitus* atlético para a natação, marcado pelo ganho de consciência sobre a eficácia de cada movimento realizado pelo corpo em relação ao tempo registrado ao completar uma metragem específica. É fundamental que a criança passe a entender a relação entre os movimentos técnicos ideais e o deslocamento do próprio corpo na água, entendendo quais são os caminhos mais eficientes para que seja mais rápido dentro de uma determinada distância. Isso demanda não só velocidade, mas compreensão de quanta energia se deve despendar em cada etapa do percurso, para que se sustente um determinado ritmo desejado.

Como revela a etnografia de Wacquant (2002), em que o próprio autor se envolveu no treinamento de boxe, a formação de um *habitus* atlético não pode ser compreendida sem levar em consideração o corpo como vetor de conhecimento. Processo complexo e longo para inculcar as técnicas e os valores necessários para a performance esportiva, que começa desde a mais tenra infância. Segundo o sociólogo, o corpo na prática esportiva desempenha uma “estratégia espontânea”, isto é, ele “compreende, julga, reage, tudo ao mesmo tempo”. Ao praticar um esporte, o ser humano desenvolve uma espécie de razão prática que, “incrustada no fundo do corpo, escapa à lógica da escolha individual” (Wacquant, 2002, p. 118).

Na categoria seguinte, o Infantil, inicia-se um novo momento na formação do atleta. A preparação física se torna mais intensa e há uma clivagem maior para se manter nas competições principais, pois toda a preparação passa a girar em torno da classificação para os Campeonatos Brasileiros, que só começam nesta categoria. Marcelo continua:

Quando entra no Infantil além de você ter o Brasileiro, você só vai ao Brasileiro se você tiver índice. Aí já começa uma peneira. Porque o índice já não é tão fácil, ainda mais pra quem tá subindo de categoria. Você já começa a ter uma preparação física mais consistente, porque até então só fazia alongamento e elástico no Petiz. Mais consciência corporal. Chega no Infantil já começa a

fazer exercício com peso livre, com peso corporal. É uma fase que a gente costuma dizer que o Infantil é a categoria em que mais se evolui. Por que? Porque muitos estão na fase do estirão, né? Fase de crescimento, fase de maturação. Você começa a aumentar muito as atividades, no Petiz ele treinava 1h30 e fazia duas vezes na semana meia hora de alongamento. Aí ele vai pro Infantil e começa a treinar duas horas e duas vezes na semana uma hora de preparação física. Então, assim, aumenta muito a carga de trabalho. E ele tá numa fase de maturação, de estirão, produzindo hormônio pra caramba, ele vai e “pah”, evolui.

A categoria é abordada como um momento sensível no itinerário de formação do nadador. Espera-se que o desenvolvimento técnico acompanhe o desenvolvimento morfológico do corpo, característico do momento de transição da infância para a adolescência (o que Marcelo chama de “estirão”). No Infantil, o programa de prova das competições passa a ser o mesmo das competições adultas, ampliando as possibilidades de escolha. Os jovens atletas são estimulados a testarem provas diferentes para entenderem junto ao treinador qual é a que performam melhor e por quê. Isso faz parte de uma etapa importante em que acontecerá uma progressiva especialização em nados e tipos de provas específicas. Começa-se a separar atletas velocistas, meio-fundistas e fundistas⁸, atletas de medley, aqueles que nadarão apenas um estilo etc.

No Tijuca, é a partir desta categoria que os preparadores físicos e fisioterapeutas entram em cena. Além de cumprir a carga horária de treinos na água, faz-se uma iniciação ao treinamento com pesos na academia para estimular o corpo a desenvolver valências físicas como a resistência, força, flexibilidade e potência. Aumenta a vigilância sobre o corpo dos atletas através da passagem por esses profissionais, que realizam testes e avaliações físicas para monitorar o desenvolvimento morfológico.

Além disso, cresce também a vigilância sobre a vida fora do clube, pois uma das atribuições que o treinador do Infantil pede a seus atletas é o envio de uma

⁸ A categorização é marcada pela metragem de preferência do atleta para as provas que disputa. Os velocistas são aqueles que disputam provas curtas, de 50m e 100m. Os atletas de meio-fundo disputam as provas de metragem intermediárias, 200m e 400m. Já os fundistas, são especialistas nas provas longas, os 800m livre e 1500m livre. A divisão não é estanque, há atletas que disputam provas de metragens distintas, mas, no alto rendimento, há uma tendência a especializá-los em uma dessas três categorias de nadadores. Isso se deve aos diferentes estímulos necessários para cada tipo de nadador no treino. O treino de um velocista idealmente não deveria ser o mesmo de um fundista, já que as valências físicas necessárias para cada especialidade são distintas. Enquanto o primeiro precisa de mais explosão, o segundo precisa de mais resistência e capacidade aeróbica, por exemplo.

planilha com o detalhamento de todas suas atividades na semana, de segunda a domingo. Segundo o treinador da categoria, a planilha “é importante para ensinar eles a gerir o tempo e dar disciplina desde cedo. Não tem desculpa, tem que ter tempo para treinar e descansar, sem se prejudicar na escola, no curso de inglês e tudo mais...” (Notas de campo, fevereiro de 2022). Entendo que o Infantil é um ponto de inflexão, onde as tecnologias disciplinares da formação esportiva passam a atuar de forma mais explícita para produzir o corpo atlético. Isso acontece pois há uma separação mais explícita entre os atletas que têm rendimento (bons resultados nas competições) e aqueles que não têm. O funil da formação esportiva começa a operar.

Aí quando você sobe pra categoria juvenil, que é uma categoria que ele praticamente já tá definindo as provas dele. No Infantil ele experimentou vários tipos de provas novas que não tinha no Petiz, provas de 200 estilo, 400 medley, prova de 1500, enfim... Então é uma categoria já mais de definição. De realmente tá ali porque gosta, tá ali porque quer, entendeu? Então é uma categoria muito importante. É o famoso vai ou racha.

A partir da categoria Juvenil, os atletas passam a treinar de forma ainda mais intensa. Começam a ter contato com um número maior de profissionais do Departamento de Esportes Aquáticos (DEA) e a carga horária no clube se amplia. A preparação física que antes era mais leve, focada em exercícios de mobilidade e de peso corporal, passa a ser mais intensa. Há um planejamento de preparação física para a temporada, com treinos diários de uma hora na academia, seguidos do treino na água, com duração que varia de uma hora e meia a duas horas e meia, a depender do período da temporada. Observei que nessa categoria e na seguinte, os atletas passam por um grande desenvolvimento morfológico do corpo. Os ganhos de estatura, típicos do início da adolescência, são acompanhados por um aumento significativo na massa muscular. O corpo do nadador começa a ganhar forma.

O Juvenil e o Júnior treinam juntos, por isso é a única categoria que conta com dois treinadores. Mais do que cobrar resultados, a comissão técnica afirma estar mais preocupada com o comprometimento com os treinos. É recorrente a lembrança aos atletas que eles estão ali porque querem, principalmente nos momentos de cobrança em treinos em que o rendimento é baixo. Há a expectativa de que, por já terem passados dos 15 anos de idade, haja um nível de maturidade

e de autonomia maior, sem que o treinador “fique perdendo tempo com quem não quer estar ali” (Notas de caderno de campo, janeiro de 2022).

No primeiro dia de treino da temporada, todos os atletas foram reunidos na sala de musculação para que Marcelo e Felipe, treinadores da equipe, apresentassem o planejamento da temporada. Nesta reunião, alguns atletas tiveram seu primeiro contato com os dois treinadores, pois subiam da categoria Infantil. Por isso, uma parte da reunião foi dedicada a transmitir para esses ingressantes na equipe Juvenil/Júnior, algumas das regras de conduta definidas pelos treinadores. Entre elas, chamou minha atenção a veemência com que foi passada a restrição ao álcool e cigarro, podendo acarretar a expulsão do atleta. Avançar no itinerário de formação em direção ao alto rendimento, segundo os treinadores, significa compreender que a vida de atleta é uma vida de abnegação. Seria preciso um controle sobre o uso dos prazeres (Foucault, 2021) do mundo extra-clube, para que se possa ser o melhor atleta possível dentro dele. Essa tensão entre o mundo externo e a formação esportiva é aprofundada quando se avança no itinerário e se chega à última categoria, aos 17 anos. Sigamos a explanação do treinador Marcelo.

Aí você sobe pro Júnior, que é a nossa complicação dentro do Brasil. Por quê? Você tá em ano de vestibular. Você tem que estudar e ainda tem que conciliar com a atividade física. Então é uma categoria bem difícil de trabalhar. Porque você tem que saber lidar com os compromissos dos atletas fora do treino, mas ao mesmo tempo não pode deixar correr frouxo. É o famoso morde e assopra. Uma hora tu dá um aperto legal, outra hora tu chama o cara em um canto e dá uma tranquilizada e tal. Você vai sentindo com cada um porque o que você abrir pra um, se tu ficar abrindo pros outros, o outro gosta de deitar em cima.

Nota-se a preocupação de Marcelo com a gestão da equipe, tratando hora cada caso como um caso singular, que demanda flexibilidade e acolhimento, hora com o rigor da “lei”, para exercer a autoridade de forma generalizada. No primeiro dia de treino, na reunião mencionada, uma das linhas de força do seu discurso era insistir que a meritocracia e igualdade seriam valores fundamentais no tratamento do clube com os atletas: “a oportunidade será dada igualmente a partir do dia de hoje, então cabe a cada um dar o seu melhor e aproveitar” (Notas de caderno de campo, janeiro de 2022). Mas com o andar da temporada, percebe-se que o tom universalista e rigoroso, dá lugar a uma atitude compreensiva, na

busca de formas de equacionar as exigências da vida pessoal dos atletas à rotina de treinos.

Segundo Marcelo, há uma dissimetria entre estudo e prática esportiva no Brasil, com impactos no trabalho do clube com os atletas. Essa dissimetria acompanha todo o percurso formativo do nadador, mas se faz sentir cada vez mais quando se chega nas últimas categorias, pois suas responsabilidades como atleta e como estudante entram em conflito. Por essa questão, a probabilidade de evasão aumenta a cada categoria.

Então é uma categoria muito difícil de trabalhar. Porque você já teve todas as suas melhoras nas categorias anteriores, que pra você melhorar detalhe tu tem que tá muito dedicado, cumprindo muito o planejamento, e você tá cheio de responsabilidade lá fora. Então a categoria Júnior é uma das categorias mais difíceis de serem trabalhadas. Não só pelo conhecimento técnico, pelo conhecimento fisiológico que a gente tem que ter, mas pela questão cultural do Brasil. A educação tá de um lado, o esporte tá do outro. Não é igual nos Estados Unidos, onde a tua performance atlética vai te levar a uma bolsa, vai te fazer seguir, então isso é ruim.

Em adição, a dissimetria entre formação escolar e formação esportiva acentua a elitização da natação. Em uma modalidade com poucas oportunidades para se ter uma carreira com dedicação exclusiva ao esporte, devido ao baixo fluxo de dinheiro, os atletas que partem de uma situação financeira privilegiada têm muito mais chances de continuarem nadando na fase adulta. O mais comum é o abandono da modalidade em algum momento entre o Infantil e o Júnior II. A estrutura de funil, portanto, parece dar mais garantias para chegar ao alto rendimento aos que conseguem aliar capital esportivo e capital econômico.

O drama de Marcelo é de alguém que vê talentos se perderem todos os anos por não haver projetos públicos de desenvolvimento de atletas que aliem educação escolar e esporte. Como trabalha exatamente com as categorias mais próximas do alto rendimento e com maior taxa de evasão, ele afirma precisar desenvolver outras competências além da parte técnica da natação para atuar profissionalmente.

Ao longo da temporada, muitos atletas me relataram a dificuldade de continuar com a mesma dedicação aos treinos nas categorias Juvenil e Júnior. Mas abandonar a natação parece algo extremamente custoso para os atletas, pois

estão habituados a competirem desde uma idade muito precoce. Eles me relataram sentimentos contraditórios, pois aprendem a amar o esporte, mas a repetição exaustiva ao longo dos anos começa a criar, simultaneamente, uma sensação de ojeriza ao mesmo. Além da repetição, é esperado que se encontre um teto de performance, que na natação é definido pela dificuldade de baixar os tempos na prova que disputa. Não melhorar seus resultados por um longo tempo parece desestimular muito os atletas, podendo levar à desistência. Em algum momento a balança entre a vida pessoal e estudos e a vida de atleta passa a ficar descalibrada, até o ponto que continuar nadando não faz mais sentido, sob as várias perspectivas que é possível se encarar o fenômeno: economicamente, socialmente, psicologicamente ou esportivamente. Uma atleta do Juvenil, com quem tive boas interlocuções no campo pelo seu interesse pela Sociologia, devido aos estudos escolares da disciplina, resumiu bem o que acontece com muitos atletas ao me confidenciar que essa seria sua última temporada como nadadora:

eu fui amadurecendo essa ideia desde 2020. Mas eu tenho um apego muito grande porque eu nado aqui desde criancinha. Esse ano eu tô aqui mais pelo compromisso moral do que qualquer outra coisa. Porque eu me comprometi com o clube, com o Marcelo... Mas eu não tenho mais aquela vontade de treinar e competir. Quero fazer outras coisas. Então pra mim não dá mais. Eu sinto que meu corpo não aguenta mais também. É o meu limite mesmo (Notas de caderno de campo, outubro de 2022).

Pode-se dizer que chegar ao alto rendimento esportivo é a exceção à regra. O limite se impõe para todos. A questão é que o limite do nadador de alto rendimento está dentro de parâmetros competitivos que pouquíssimos conseguem chegar, o que permite a continuidade até que os resultados saiam desses parâmetros. A norma é a evasão da natação durante o itinerário de formação nas categorias de base pois, como em qualquer outra modalidade, há uma seleção em forma de peneira, em que ficam apenas os atletas com tempos muito baixos na prova que disputam. Contra um discurso essencialista que circula amplamente na mídia e no senso comum, mapear o itinerário de formação de nadadores e acompanhar por toda uma temporada os treinos e competições das equipes do TTC, permitiu-me inferir que não se trata de uma seleção puramente meritocrática, em que o talento inato de cada atleta se impõe. Mas

uma seleção muito mais complexa, em que diversos capitais entram na equação para que um atleta ascenda ou não para o alto rendimento.

Nesse sentido, há outras formas de se manter no campo esportivo quando a carreira de atleta parece ter chegado ao limite. Uma evidência encontrada no trabalho de campo é a recorrência da escolha do curso de Educação Física entre os atletas que prestam vestibular enquanto ainda estão federados e competindo na natação. Uma forma que os jovens encontram de aproveitar o capital esportivo acumulado ao longo da formação, trocando-o, através da formação universitária, por capital econômico e cultural. É um caminho que os próprios treinadores encorajam, pois foi o caso deles, ex-atletas que chegaram ao seu próprio limite na natação e decidiram “transmitir o ofício” (BOURDIEU; WACQUANT, 1995) a uma nova geração.

A ideia de capital esportivo, aqui, é devedora da teoria de Pierre Bourdieu, que afirma que, para cada “campo” da vida social, existem capitais específicos que modulam as relações de poder entre os agentes. No mesmo sentido que Arlei Damo utiliza a ideia de capital futebolístico para abordar o processo de formação de jogadores de futebol em categorias de base, penso o capital esportivo do nadador como “uma modalidade de capital corporal que, combinada aos capitais convencionais - social e simbólico, sobretudo -, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo” (Damo, 2005, p. 105). Esse capital esportivo pressupõe um *habitus* atlético, adquirido ao longo do processo de formação como nadador. Mas não estamos diante de algo adquirido conscientemente, mas sim de um saber prático “cuja constituição exige uma mediação entre sujeito cognoscente e um conjunto de enunciados - em forma de proposições insistentemente repetidas durante os treinamentos” (Ibid., p. 285). Enunciados de correção técnica e moral codificados pelo atleta ao tentar corrigir seus movimentos e sua conduta.

Saberes e tecnologias do corpo atlético

Desde as primeiras semanas no Tijuca Tênis Clube, pude notar a importância das tecnologias e dos saberes especializados que davam suporte à formação do nadador. Não se trata de um aspecto secundário. Seus corpos são produzidos dentro de relações com essas tecnologias e saberes. E quanto mais

próximos estão do alto rendimento, maior a sua importância. Esses saberes têm sua base epistemológica na biomedicina, carregando alguns dos seus pressupostos cristalizados⁹. O nadador tem seu corpo racionalizado ao extremo, mas não para se tornar mais saudável ou “normal”, mas sempre com o objetivo de melhorar sua performance. E por performance na natação, temos sempre que ter em mente o tempo. Como fazer com que o corpo se desloque de forma mais rápida e eficiente na água? É a partir dessa pergunta que todo saber ou tecnologia mobilizado pode contribuir. Essas especializações foram escolhidas por serem as que os nadadores do Tijuca possuem maior contato, tendo aparecido em interlocuções ao longo do trabalho de campo e nas entrevistas.

Esmiuçando estes elementos, estaremos mais próximos de compreender a complexidade da produção de um corpo atlético na natação. Tal complexidade é apagada em discursos que insistem em afirmar a “naturalidade” do corpo, apartado dos aspectos simbólicos e das relações de poder que também o constituem. Ao contrário, buscarei pontuar como o corpo atlético é produzido na relação com as tecnologias. Mas isso não significa migrar para o polo oposto e afirmar sua artificialidade. O ponto é justamente questionar as dicotomias com as quais nos acostumamos a enquadrar a realidade. Pois o corpo atlético dos nadadores se constrói na borda da piscina e na borda dessas dicotomias. Nem somente dentro d’água, nem somente fora dela. Assim como não é nem natural, nem artificial. Ele emerge da interseção.

Em um esporte objetivo como a natação, em que a performance é avaliada pelo tempo, a racionalização do corpo atlético se torna ainda mais severa quando comparamos com outras modalidades. Isso ficou claro quando percebi a quantidade de profissionais e saberes que influem sobre o corpo do nadador. Treinadores de natação, preparadores físicos, fisioterapeutas, nutricionistas, biomecânicos, fisiologistas, médicos do esporte, apenas para citar aqueles que os atletas do Tijuca relataram que têm contato.

⁹ Não me aprofundarei aqui no debate sobre as bases culturais ocidentais da biomedicina, mas parto das análises de alguns especialistas no tema (Bonet, 1999; Duarte, 1998; Le Breton, 2016; Rose, 2013). O ponto principal é o diagnóstico comum que a biomedicina como saber científico ajudou a reificar a divisão cartesiana entre mente e corpo, à medida que o corpo se tornou objeto de investigação, na busca das leis mecânicas que explicam seu funcionamento.

O tempo é, basicamente, o fator que define o nível do atleta. É o elemento a partir do qual se define o valor do corpo atlético. O balizamento das provas das competições deixa isso muito claro, pois, através do tempo registrado nele, é possível saber quem são os atletas da prova e o que esperar deles. Trata-se de um documento divulgado pela federação responsável pela competição e que divide os nadadores nas raias a partir das suas melhores marcas naquela prova específica. Minha interpretação é que ele opera dentro da dicotomia entre sujeito e corpo. À esquerda, o nome pessoal como significante do sujeito; à direita, o tempo como significante do valor do corpo atlético; e, em cima, as referências dos recordes da prova por categoria, como significantes dos limites atuais do corpo humano.

Imagem 2 - Balizamento dos 200m peito masculino do Troféu José Finkel

Etapa: 5 Data: 17/09/2022

34ª PROVA 200M PEITO MASC.		ABSOLUTO		17/09/2022		Eliminatória
RM	PRIGODA KIRILL	ABSOLUTO	RUSSIA	02:00.16	31/12/2018	SHANGHAI (CHN)
RMJ	MUNDIAL JR	ABSOLUTO	BRA	02:03.23	20/04/2018	MOSCOW
RS	THIAGO TEIXEIRA SIMON	ABSOLUTO	CORINTHIANS	02:02.58	13/09/2016	SANTOS
RB	THIAGO TEIXEIRA SIMON	ABSOLUTO	CORINTHIANS	02:02.58	13/09/2016	SANTOS
RBC	STEPHAN ALEXANDER STEVERINK	INFANTIL 1	NOVOS CIELOS/COTP	02:25.93	15/12/2017	EINDHOVEN
RBC	STEPHAN ALEXANDER STEVERINK	INFANTIL 2	CLUBE ESPERIA	02:19.01	08/12/2018	ITAGUARA COUNTRY
RBC	DAVI MARTINS MOURAO	JUVENIL 1	PINHEIROS	02:17.20	18/11/2016	GUARATINGUETÁ
RBC	CAIO RODRIGUES PUMPUTIS	JUVENIL 2	PINHEIROS	02:10.51	13/11/2015	JABOTICABAL
RBC	CAIO RODRIGUES PUMPUTIS	JUNIOR 1	PINHEIROS	02:08.68	13/09/2016	SANTOS

3ª SÉRIE

0	MARCOS THIMOTEO	266222	2004	TIJUCA TC/RJ	02:20.20
1	NICOLLAS CATALDO LOPES	135277	2002	FLUMINENSE FC/RJ	02:18.10
2	GUILHERME GODOY	297351	2004	CORINTHIANS	02:16.74
3	JOÃO VIEIRA GARCIA	275847	2003	PINHEIROS	02:12.01
4	ANDREAS MICKOSZ	134639	1996	EXÉRCITO BRASILEIRO	MINAS TENIS CLUBE 02:06.52
5	FELIPE ALVES FRANCA SILVA	059512	1987	KROM/LIV	MINAS TENIS CLUBE 02:10.42
6	PEDRO MUSCHIONI CRISTO	103751	2001	MADEIRAS	MINAS TENIS CLUBE 02:12.38
7	GUSTAVO DE MATOS	302861	2004	ABDA	02:17.09
8	LUIZ GABRIEL SOUZA SILVA	270680	2001	TIJUCA TC/RJ	02:19.43
9	GABRIEL LAVEZZO UGIONI	258173	2003	ITAMIRIM/NOVOSCIEL	02:20.79

Fonte: CBDA

Penso que é possível dizer que há uma redução do sujeito ao tempo que seu corpo consegue produzir. Em outras palavras, parte da produção dos nadadores de alto rendimento passa por fazer com que o sujeito introjete uma relação com seu corpo baseada na sua otimização permanente. Seja pela ação direta dos treinamentos na água ou pela ação indireta dos outros saberes esportivos. Esse processo acontece a partir da intervenção de certas tecnologias. O balizamento é uma delas, produzida pela estrutura burocrática da natação como mecanismo de governamentalidade dos atletas.

Dentro do TTC, são desenvolvidas algumas iniciativas para auxiliar o desenvolvimento dos nadadores. Existe um trabalho multidisciplinar realizado no Departamento de Esportes Aquáticos junto aos preparadores físicos e técnicos da comissão técnica que tem como objetivo coletar informações sobre as valências físicas dos nadadores. Há um projeto de criação de um banco de dados dos atletas, que serviria para munir os profissionais de informações mais individualizadas, para que possam atuar em duas frentes. Na prescrição de treinamento mais específicos para trabalhar as deficiências e potencialidades do atleta; e na prevenção de lesões.

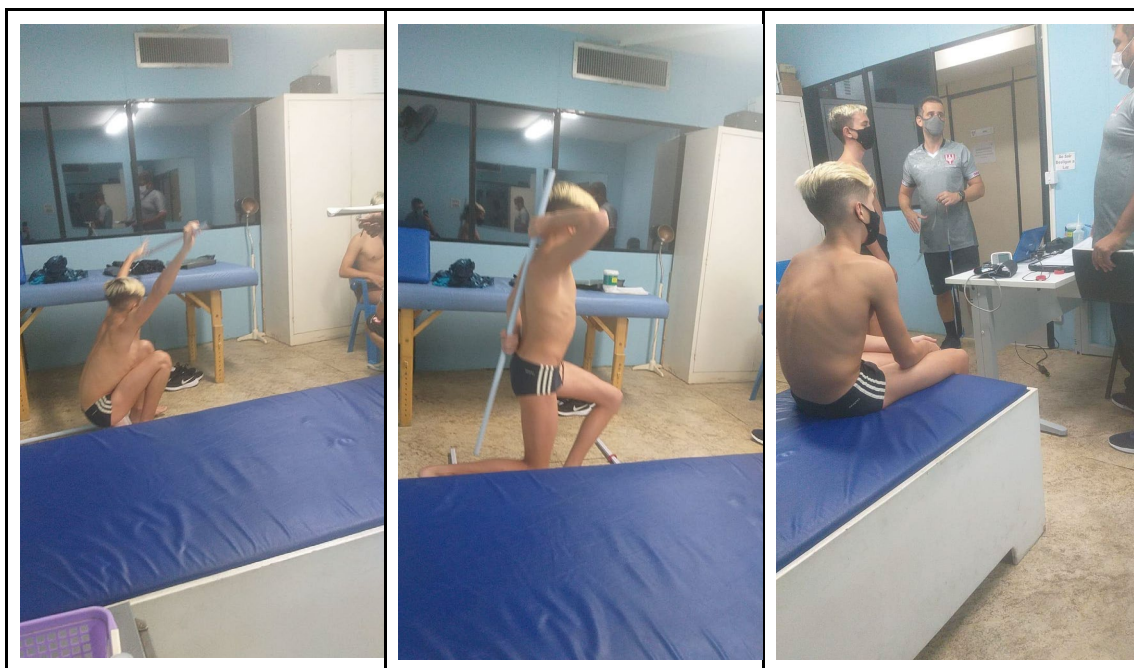
Para tal, são utilizadas algumas tecnologias de mensuração das capacidades do corpo. Entre elas, a fisioterapia aplica a Avaliação Funcional do Movimento (FMS)¹⁰. Através de sete testes, seu objetivo é avaliar e categorizar padrões de movimento para identificar debilidades mecânicas que, no longo prazo, a depender do tipo de estímulo do esporte em questão, pode ocasionar lesões. Os testes exigem do atleta equilíbrio de mobilidade e estabilidade para serem executados, gerando, ao final, uma nota para cada um dos testes, que representa o nível do atleta na execução daquele movimento. A ideia é que, ao colocar os atletas “em posições onde debilidades, desequilíbrios, assimetrias e limitações se tornam perceptíveis por um profissional de saúde treinado”¹¹.

Para cada um dos sete testes, é dada uma nota de 0 a 3, de acordo com a facilidade ou dificuldade do atleta em reproduzir o movimento, sendo 0 a presença de dor que impede a execução, 1 em caso de não conseguir completar o movimento, e 2 e 3 relativos à qualidade do movimento completo. Além de entender como se executa cada um dos movimentos, observando possíveis correções para as deficiências, chega-se a um coeficiente final de até 21 pontos que é o somatório das notas, sendo este o resultado do FMS.

¹⁰ Da sigla em inglês Functional Movement Screen.

¹¹ A citação é do manual utilizado no TTC para a aplicação dos testes.

Imagem 3 - Nadadores do Juvenil realizando o teste FMS



Fonte: do próprio autor


Logo quando comecei o trabalho de campo, em janeiro, foram feitas as primeiras rodagens de testes. A ideia original era realizar novas rodagens no meio da temporada e no final, para comparar os resultados de cada atleta. Isso não chegou a acontecer. Talvez porque o projeto multidisciplinar empenhado pelos profissionais tenha esbarrado em limitações do clube. A ideia era criar fichas individuais para cada atleta para que pudessem conhecê-los melhor e prescrever treinamentos mais individualizados, atacando as debilidades de cada nadador.


Seria utópico pensar em um treino para cada atleta, mas seria possível juntar atletas em grupos menores com características técnicas e físicas similares, para que o treino fosse menos genérico. Os profissionais sabem que esse é o “padrão ouro” do esporte de alto rendimento, mas se veem limitados por serem poucos e terem que atender uma quantidade muito grande de atletas. Mas o que importa aqui é entender essa relação entre conhecimento sobre o corpo, através de sua metrificação, e performance. Quanto mais se entende as especificidades individuais de um atleta, mais eficiente pode ser o seu treino, pois será moldado para as suas características, o que tende a produzir um resultado melhor do que se o atleta seguir um planejamento genérico, prescrito para todos da categoria, como é feito atualmente no Tijuca. As imagens da sequência anterior foram

registradas na sala de fisioterapia, onde aconteciam os testes. Enquanto o fisioterapeuta aplicava o FMS, o preparador físico fazia o registro da composição corporal e da antropometria.

A composição corporal é, basicamente, o conjunto dos componentes que formam a massa do corpo. Quantifica-se a porcentagem do total do peso correspondente a água, músculos e gordura, identificando se a pessoa está com a proporção adequada de cada componente. Já a antropometria é a medida das dimensões físicas de uma pessoa. Mede-se a altura e cada uma das partes do corpo isoladamente para identificar assimetrias e desproporções. Os testes são feitos através de instrumentos básicos de mensuração corporal, como balança antropométrica, adipômetro e fita métrica. Os preparadores físicos registram cada dado de cada atleta na planilha de controle abaixo.

Imagem 4 - Avaliações de composição corporal e antropometria

 TIJUCA TÊNIS CLUBE CENTRO DE CONDICIONAMENTO FÍSICO AVALIAÇÃO MORFOLÓGICA Categoria Juvenil e Júnior - (Masculino) Composição Corporal (Dobras Cutâneas) - (Faulkner, 1968) Data da Avaliação: XX / Fev / 2022																
Data	Horário	Atletas	TR	SB	SI	AB	% G (FAULKNER, 1968)	Soma DC	Peso	Estatura	Idade	PG	PM	Peso Ideal	Peso em Excesso	Kcal em Excesso
2/7/2022	14:00	LUIZ GABRIEL SOUZA DA SILVA	7	16	8	10	12	41	81,850	185	20	9,868	71,982	79,101	2,749	21247,61
2/7/2022	15:00	THYAGO R.	5	7	5	6	9	23	65,900	175	16	6,074	59,226	65,083	0,217	1675,17
2/7/2022	16:00	LUIZ CLAUDIO	12	11	12	15	13	50	97,500	191	16	13,097	84,403	92,750	4,750	36714,74
2/10/2022	15:30	BERNARDO MAVA	8	7	6	7	10	28	51,200	163	14	5,154	46,046	50,600	0,600	4640,58
2/10/2022	15:00	JOÃO GABRIEL MIQUELINO	6	11	11	13	12	41	56,800	164	14	6,848	49,952	54,893	1,907	14744,83
2/11/2022	15:00	MATHEUS SANDORA RIBEIRO	6	11	7	7	11	31	61,960	169	18	6,522	55,438	60,921	1,039	8031,64
2/8/2022	16:00	LUCAS FIGUEIREDO GOMES	5	9	6	8	10	28	64,630	168	17	6,506	58,124	63,872	0,758	5857,83
2/10/2022	16:00	LUCAS MAZZO	4	6	6	6	9	22	50,500	159	14	4,620	45,880	50,417	0,083	639,17
2/10/2022	16:45	MATHEUS WILLIAM	8	14	14	17	14	53	79,750	178	15	11,079	68,671	75,463	4,287	33140,21
2/10/2022	17:00	JOÃO GABRIEL RIBEIRO	7	10	6	8	11	31	71,280	178	17	7,503	63,777	70,085	1,195	9239,75
2/11/2022	14:00	IAGO RODRIGUES DA SILVA	6	10	9	11	11	36	68,650	173	15	7,751	60,899	66,922	1,728	13359,92
2/11/2022	16:45	JULIO SIMPLICIO	8	14	17	21	15	60	82,090	177	19	12,283	69,807	76,711	5,379	41580,83
2/11/2022	16:00	MIGUEL BARBOSA LAVIGNE	6	8	6	7	10	27	53,500	168	14	5,304	48,196	52,963	0,537	4153,73
2/7/2022	14:30	GUILHERME DE PAIVA RIBEIRO	8	14	9	10	12	41	67,180	177	17	8,099	59,081	64,924	2,256	17439,40
2/7/2022	16:00	CAIQUE MENDES MAGALHÃES	6	8	6	7	10	27	60,020	171	17	5,950	54,070	59,417	0,603	4659,94

 TIJUCA TÊNIS CLUBE CENTRO DE CONDICIONAMENTO FÍSICO AVALIAÇÃO MORFOLÓGICA Categoria Juvenil e Júnior - (Masculino) Composição Corporal (Antropometria)																					
Data	Atletas	Horário	Fcr	Pas	Pad	Idade	Estatura	Massa	Deltoídes	Tórax Ins.	Tórax Ex.	Cintura	Abd	Quadril	Braço D.	Braço E.	Ant. Br. D.	Ant. Br. E.	Coxa D.	Coxa E.	Perna D.
2/7/2022	LUIZ GABRIEL SOUZA DA SILVA	14:00	67	130	70	20	185	81,850	120	107	104	80	81	97	32	32	29	28	59	59	37
2/7/2022	THYAGO R.	15:00	73	130	60	16	175	65,900	107	91	93	77	74	91	28	29	25	26	52	52	36
2/7/2022	LUIZ CLAUDIO BRAGA DA SILVA	16:00	55	130	70	16	191	97,500	121	112	109	86	92	105	35	34	31	31	60	62	40
2/10/2022	BERNARDO MAVA	15:30	83	120	60	14	163	51,200	98	89	86	72	72	83	26	26	24	24	46	44	33
2/10/2022	JOÃO GABRIEL MIQUELINO	15:00	56	120	60	14	164	56,800	101	94	90	71	76	89	27	27	26	25	48	48	36
2/11/2022	MATHEUS SANDORA RIBEIRO	15:00	53	130	60	18	169	61,960	108	96	93	75	74	87	30	29	26	25	51	51	34
2/8/2022	LUCAS FIGUEIREDO GOMES	16:00	64	120	60	17	168	64,630	106	98	96	74	78	91	30	30	26	25	52	52	36
2/10/2022	LUCAS MAZZO	16:00	85	120	60	14	159	50,500	98	86	82	70	71	83	28	28	25	25	49	48	33
2/10/2022	MATHEUS WILLIAM	16:45	67	160	70	15	178	79,750	118	105	102	82	87	98	33	33	29	28	59	58	36
2/10/2022	JOÃO GABRIEL RIBEIRO	17:00	87	150	70	17	178	71,280	114	101	95	78	78	94	31	31	28	28	54	53	35
2/11/2022	IAGO RODRIGUES DA SILVA	14:00	74	120	50	15	173	68,650	113	95	92	76	78	89	31	31	27	27	54	53	38
2/11/2022	JULIO SIMPLICIO	16:45	66	120	60	19	177	82,090	117	101,5	97,5	82	86	108	35	35	28	28	63	63	42
2/11/2022	MIGUEL BARBOSA LAVIGNE	16:00	68	110	60	14	168	53,500	101	89	85	69	71	85	26	25	24	24	47	47	33
2/7/2022	GUILHERME DE PAIVA RIBEIRO	14:30	58	130	70	17	177	67,180	108	98	96	76	79	89	28	29	26	26	53	54	34
2/7/2022	CAIQUE MENDES MAGALHÃES	16:00	57	130	80	17	171	60,020	109	95	92	74	75	86	29	29	26	26	51	51	34

Fonte: Departamento de Esportes Aquáticos do Tijuca Tênis Clube

Ambas visam produzir uma fotografia do estado geral do corpo que será, em um primeiro momento, contrastado com um estado ideal. A partir desse estado ideal, entendido como superior ao estado real, cria-se um planejamento de preparação física. Ao final da execução do planejamento, faz-se uma reavaliação que será comparada com a primeira para analisar os pontos de maior ou menor evolução.

A principal tarefa dos preparadores físicos é o planejamento e a execução de um calendário de treinamento que irá desenvolver as diversas valências físicas que o nadador precisa para performar melhor na piscina. Treinamento de força, resistência, potência, equilíbrio, coordenação, flexibilidade etc., são prescritos de forma periodizada tendo, como objetivo final, o desenvolvimento físico do atleta. Essa periodização é feita visando sempre uma competição alvo que, no caso das categorias de base da natação do TTC, são os campeonatos brasileiros de inverno e verão, realizados respectivamente ao final do primeiro e do segundo semestre da temporada. Em entrevista, o preparador físico Alexandre Rodrigues explicou como é feito esse processo.

A gente faz uma periodização, que nada mais é que um planejamento. Você vai montar as tuas sessões de treinamento, o que você vai trabalhar em cada sessão. Então você faz um planejamento de janeiro a junho e você vai seguindo esse planejamento. Você tem um período para estar dando ênfase em uma manifestação específica. Seja ela resistência, seja uma hipertrofia muscular, seja, por exemplo, força. A hipertrofia é importante por quê? Porque o atleta tem que se manter em uma questão de massa magra, massa muscular. Eu não posso trabalhar só resistência e potência e não dou ao meu atleta um trabalho de força. Porque a falta da massa muscular vai influenciar diretamente na performance do atleta. O atleta mais forte vai aguentar treinar mais.

A hipertrofia muscular é um dos itens mais enfatizados pelo preparador. Trata-se, em suma, do ganho de massa muscular magra, algo fundamental na construção de um corpo atlético em qualquer modalidade. Este tipo de trabalho começa a ser enfatizado quando o nadador chega aos 15 anos de idade e entra no Juvenil. Até essa idade, são feitos apenas trabalhos com o peso do próprio corpo, que estimulam as mesmas valências físicas, mas de forma menos intensa. A partir desse momento, o nadador precisa desenvolver mais massa magra para

acompanhar seus rivais nas piscinas. Isso é feito através de treinamentos de musculação com pesos livres e máquinas.

Depois da piscina, a sala de musculação do DEA é o local do clube mais frequentado pelos atletas. Quando chegam, a sequência de exercícios do treinamento do dia está no quadro da sala. Os preparadores físicos explicam a execução e corrigem seus movimentos quando necessário, mas como são muitos atletas para poucos profissionais, o próprio grupo se auxilia. É comum que os atletas mais velhos ensinem os movimentos aos novatos, ou que se organizem em duplas para que um ajude o outro em exercícios com manuseio de cargas altas, como supinos e agachamentos. Nesse sentido, além de um espaço de treinamento, é um espaço importante para a construção das relações sociais entre os atletas.

Para a mensuração de resultados, outros testes possíveis são empreendidos. A ideia é que cada uma das valências físicas possa ser quantificada para aferir um determinado nível para o atleta. Para mensurar a força, por exemplo, foi feito um teste com uma bola de 6kg que devia ser lançada pelo atleta sentado. Quanto mais longe for o arremesso da bola, melhor o resultado, obtido em metros e que representa a força do atleta.

Imagem 5 - Resultados do teste de força

Teste de Força (Bola 6kg)			
			RJ,xx/xx/2022
Modalidade: Natação			
Atletas	1ª tentativa	2ª tentativa	Resultado
Letícia	2,20	2,28	2,40
Lucas Gomes	3	3,10	3,20
Matheus Sandora	3,20	3,30	3,35
Lucas Mazzo	2,50	2,56	2,80
BRT	3,50	3,50	3,95
Rayan	3,14	3,10	3,60
Beatrice	1,95	2,10	2
Thyago R.	3,40	2,70	3
Isabela Chaia	2,80	2,80	2,84
Guilherme Ribeiro	2,85	3	3,07
Júlio Simplício	3,42	3,50	4,18

Fonte: Departamento de Esportes Aquáticos do Tijuca Tênis Clube

Todos os elementos citados levam a entender que há uma certa tendência de matematização do saber sobre o corpo no campo da Educação Física. Além das aferições das medidas e composição corporal, todas as capacidades físicas devem poder ser mensuradas e representadas por números, que, posteriormente, servem para categorizar o corpo atlético em escalas de proficiência ou condicionamento físico que são feitas a partir do paradigma de um corpo atlético ideal que se contrasta com os corpos atléticos reais dos nadadores.

Essa tendência a um conhecimento mais quantificado acompanha o maior adensamento da Educação Física no campo científico. Segundo os preparadores físicos do TTC, até o início do século XXI, boa parte do conhecimento produzido era empírico e sem respaldo na ciência. O salto é abordado como uma evolução para a Educação Física e para o esporte como um todo, pois os atletas passariam a ter menos riscos e um desenvolvimento mais assertivo. Como afirmado no tópico anterior, busca-se um conhecimento cada vez mais individualizado, que acompanha a transição deste saber do empírico para o científico. A fala de Alexandre representa bem esta posição.

Porque você pega uma coisa que tem um respaldo científico e aí não “ah eu acho que...” não você não acha, eu tenho certeza, tá aqui eu fiz um estudo. Porque se não você tá voltando pro passado. Tá voltando pra aquela questão do empirismo né. “Ah eu acho” ou “ah eu vou fazer assim porque deu certo”. Deu certo com um mas pode dar errado com outro. É a questão da individualidade biológica. Cada um tem uma genética, cada um tem um biotipo, cada um tem um potencial que o outro não tem. E é um princípio de treinamento. Assim como é o volume/intensidade, que são inversamente proporcionais.

O que interessa para esta pesquisa é ressaltar a relação entre produção de conhecimento e produção de verdade, entendendo os seus efeitos na subjetivação dos indivíduos. Se a verdade do corpo atlético se encontra cada vez mais na sua capacidade de ser metrificado, quantificado e classificado pelos saberes esportivos especializados, acredito que isso produza efeitos nos sujeitos cujos corpos são objeto desses saberes. A formação dos nadadores nas categorias de base em meio a esta rede sociotécnica não é apenas o itinerário de sua formação técnica, mas de sua formação enquanto sujeitos somáticos quantificados (Rose, 2013).

O nadador aprende a desenvolver uma relação com seu corpo a partir do paradigma da evolução. “Sempre há algo a melhorar”, é um jargão que se escuta muito no meio esportivo, muitas vezes vindo daqueles que acabaram de conquistar uma vitória, mas não se dão por satisfeitos. É nesse sentido que Dardot e Laval afirmam que o esporte “continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos” (Dardot; Laval, 2016, p. 353). Heróis desencantados, pois seu dom é visto cada vez menos próximo do sobrenatural e mais próximo do hipernatural. É o corpo em suas valências biomecânicas, anatômicas, genéticas e nutricionais que explica os feitos fantásticos.

Considerações finais

A formação de atletas de alto rendimento é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser observado sob diferentes prismas. Escolhi privilegiar três, que considero serem fundamentais no contexto da natação: a estrutura burocrática que administra e financia o esporte; o itinerário de formação estabelecido dentro da instituição esportiva; o auxílio de tecnologias e saberes especializados. Entendo que esses três elementos estão articulados, formando um tripé de condições básicas da formação de atletas de alto rendimento. Essa metodologia foi exitosa na pesquisa empreendida, e acredito que pode ser implementada para o estudo de formação de atletas em outras modalidades. Pois, quando nos referimos ao alto rendimento esportivo, em geral, não é possível descolar a experiência do atleta dessas dimensões. Seja qual for a modalidade, a formação está condicionada à estrutura administrativa que faz a gestão da modalidade e garante suas condições de financiamento, o percurso necessário para adquirir as habilidades necessárias para a alta performance, e a disponibilidade que o atleta encontra de tecnologias e conhecimentos que podem agregar no seu desenvolvimento.

Em um clube como o Tijuca Tênis Clube, percebe-se como a análise de cada uma dessas variáveis é importante para entender os limites da formação que os atletas recebem. Trata-se de um clube de médio porte, voltado para o lazer do seu quadro social, mas que mantém a formação de atletas de modalidades olímpicas através do acesso a recursos provenientes de políticas públicas de

fomento ao esporte. Sem esses recursos, o clube simplesmente não poderia manter os custos da estrutura do Departamento de Esportes Aquáticos dedicada aos atletas federados. Mas, limitado às verbas que consegue extrair atualmente dos programas públicos de fomento, não consegue competir em igualdade com os clubes com maior poder de investimento, como os rivais locais Flamengo e Fluminense. Isso tem efeitos concretos ao longo do itinerário de formação, pois a qualidade estrutura oferecida aos profissionais e aos atletas de categorias de base é proporcional a capacidade de investimento de cada clube. Assim, no TTC, nota-se que há carências que impactam diretamente na formação dos atletas. O quadro de funcionários é enxuto para a quantidade de atletas em cada categoria. Faltam especialistas que os atletas de outras equipes têm à disposição, como nutricionistas, psicólogos, biomecânicos etc. Bem como materiais específicos para preparação física de excelência. Além de não terem uma piscina exclusiva para treinamentos das equipes, uma vez que a única piscina olímpica do clube precisa ser dividida com o quadro associativo e com alunos da escolinha de natação.

Se queremos realmente levar a sério a ideia de que o esporte tem que estar baseado na isonomia e na meritocracia, aspectos centrais da ideia de *fair play*, precisaríamos estar mais atentos às desigualdades nas condições materiais de formação de atletas para o alto rendimento. Os resultados da pesquisa apontam que realizar esse projeto na prática é um desafio árduo e que demanda um esforço coletivo e interdisciplinar para pensar o esporte em sua complexidade. Acredito que os antropólogos tenham algumas contribuições neste debate. Entre elas, oferecer dados empíricos produzidos a partir das etnografias realizadas dentro dos centros de formação, em contato com os atores sociais envolvidos. Isto é, uma perspectiva “de perto e de dentro” do processo, em oposição a um olhar “distante e de fora” (MAGNANI, 2017). Acredito que o maior logro será o de desnaturalizar uma série de pressupostos sobre o esporte e sobre os atletas, reafirmando sua dimensão sociocultural constituinte.

Nesse sentido, quero ressaltar que a pesquisa apontou que a formação de nadadores de alto rendimento é fortemente marcada pela moralidade e pelas relações de poder que se constituem dentro do clube e deste para com a estrutura que administra o esporte. O itinerário da formação do atleta também é o itinerário

de sua formação como pessoa, de modo que sua subjetividade também é afetada pelas lógicas operantes no campo esportivo. Precisamos continuar avançando nas pesquisas antropológicas do esporte para entender como essa subjetivação esportiva acontece nas mais variadas modalidades, buscando suas semelhanças e diferenças, para, em última instância, pensarmos em formas mais assertivas de intervenção que possam melhorar a qualidade da formação dos atletas no país, bem como fomentar um olhar mais críticos sobre as estruturas que atualmente regulam os esportes.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Transmitir un ofício. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc (org.). **Respuestas**: Por uma antropologia reflexiva. México: Ed. Grisalho, 1995.

CAMARGO, Wagner; KESSLER, Cláudia. Além do Masculino-Feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte. **Horizontes Antropológicos**. UFRGS/PPGAS. v. 47, p. 191-225, 2017.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pessoa e dor no Ocidente (o 'holismo metodológico' na antropologia da saúde e doença). **Horizontes Antropológicos**. UFRGS/PPGAS. v. 9, p. 13-28, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. 10^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; COSTA, Amanda Torres Vieira da. Corpo laboratório: experimentos de mulheres fisiculturistas. **Revista Estudos Feministas**. UFSC. v. 29, n. 2, 2021.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS. v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PIRES, Barbara Gomes. **A Gestão da Integridade**: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento. Tese de Doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**. UNICAMO. v. 42, p. 447-475, 2016.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.